Em dezembro chegavam as brisas

Em dezembro chegavam as brisas

Marvel Moreno

Tradução de
Silvia Massimini Felix



Para Carla e Camila

Um

I.

"Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que castiga os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta gerações."

Porque a Bíblia, livro que aos olhos de sua avó encerrava todos os preconceitos capazes de envergonhar o homem por sua origem, e não só por sua origem, mas também pelos desejos, pulsões, instintos (ou seja qual for o nome que se dê), inerentes à sua natureza, transformando o instante que dura sua vida em um inferno de culpa e remorso, de frustração e agressividade, continha também a sabedoria própria do mundo que ajudara a criar desde os tempos em que foi escrita, razão pela qual era necessário lê-la com atenção e refletir sobre suas afirmações, por mais arbitrárias que pudessem parecer, até entender a fundo como e por que a miséria pessoal e a alheia ocorriam. Assim, quando um acontecimento qualquer agitava a embaçada, embora à primeira vista serena, superfície de existências iguais que há mais de cento e cinquenta anos formava a elite da cidade, sua avó, sentada em uma cadeira de balanço de vime, entre o canto das cigarras e o ar denso, modorrento das duas da tarde, lhe recordava a maldição bíblica ao explicar-lhe que o acontecimento, ou melhor, sua origem, remontava a um século, ou a vários séculos, e que ela, sua avó, estivera esperando por isso desde que teve uso da razão e foi capaz de estabelecer uma relação de causa e efeito.

Aquele fatalismo provocava em Lina uma reação de medo, não de surpresa — aos catorze anos, já perdera a faculdade de se espantar com as coisas que a avó e as tias diziam —, mas um medo sombrio que fazia suas mãos formigarem enquanto se perguntava pela

enésima vez a que calamidade o destino a teria condenado. Vendo a avó sentada à sua frente, minúscula, frágil como uma menina de sete anos, com os cabelos brancos penteados para trás e recolhidos em um coque discreto na nuca, tinha a impressão de que ouvia uma Cassandra milenar, não excitada ou histérica, nem mesmo realmente Cassandra, já que não se lamentava de sua sorte nem da dos demais, mas cujas previsões deviam se cumprir inexoravelmente. Alguém que carregava o passado guardado na memória, e a partir dele, de sua assimilação e compreensão, deduzia o presente e até mesmo o futuro com uma tristeza imprecisa, como uma deusa bondosa, mas alheia à criação e, portanto, incapaz de impedir o erro e o sofrimento dos homens. Por isso, porque sempre acreditara que tudo havia sido dado de antemão, que uma força secreta nos impelia a dar cada passo na vida, aquele passo e nenhum outro, sua avó se negaria a intervir quando Lina lhe pediu para salvar Dora de se casar com Benito Suárez, embora teoricamente pudesse fazê-lo, pois a mãe de Dora não respeitava ninguém mais no mundo do que sua avó.

Lina pensava que um único telefonema, um simples chamado faria dona Eulalia del Valle sair de seu confinamento e atravessar a pé os quatro quarteirões que a separavam da casa onde ela e sua avó moravam; acreditava, também, que assim que dona Eulalia tivesse contado à avó aquela longa lamúria que chamava de o calvário de sua vida, ou seja, quando imaginasse ter comovido com suas lamentações, não sua filha e suas criadas, mas uma pessoa que admirava por sua linhagem e conduta exemplar — termos que sempre usava quando se referia à avó —, aceitaria qualquer conselho, até mesmo o de rejeitar o casamento de Dora, sua purificação, pensava, com um louco como Benito Suárez. Mas sua avó não quis se aproximar do telefone e disse a ela, Lina: se não for Benito Suárez, será outro parecido, porque na minha opinião sua amiga Dora está destinada a ser escolhida por um homem que seja capaz de tirar o cinto da calça para açoitá-la na primeira vez que fizer amor com ela.

Muitos anos mais tarde, no outono de sua vida, depois de ter conhecido histórias semelhantes aqui ou ali, de ter aprendido a ouvir os outros e a si mesma sem rebeldia, sem pretensões, Lina, sentada no terraço do Café Bonaparte e lembrando-se subitamente de Dora

ao ver uma mulher passar, viria a se perguntar sorrindo se talvez sua avó não tivesse razão: razão ao dizer que Dora deveria se unir a qualquer homem que a tivesse açoitado quando fizeram amor, primeiro por fazê-lo, e depois por tê-lo feito antes com outro homem. Mas não naquela época. Naqueles dias ela acabara de completar catorze anos e ninguém, nem mesmo sua avó, conseguia convencê-la de que Dora estava sendo arrastada por uma força obscura em direção ao homem que, sem dúvida, causaria sua perdição, tão inexplicavelmente quanto o instinto leva um gato a arriscar a vida nos galhos quebradiços de uma goiabeira só porque um pássaro voa entre as folhas, sabendo que não vai pegá-lo e apesar de ter acabado de comer as sobras do almoço e estar satisfeito.

As forças invocadas por sua avó — e cujo nome apropriado Lina descobriria lendo Freud não sem certo ceticismo — pareciam-lhe, por ora, um desses inimigos que ameaçam o homem como a doença e a loucura, e contra os quais é preciso se defender com dignidade, isto é, chegar ao fim da vida com certo decoro, evitando ao máximo perturbar as pessoas, assim como um jornal deve ser fechado no estado em que o abrimos, mais manuseado, talvez, mas de forma alguma desfolhado ou destruído. E não em consideração a ninguém, já que não nos foi dado por ninguém e a ninguém devemos devolvê-lo, mas na medida em que é sempre preferível lutar contra a negligência, mesmo que nos digam que a longo prazo perdemos inexoravelmente, porque até o próprio jornal vai acabar na lata de lixo. Ou seja, mesmo assim, e à sua maneira, Lina considerava imperdoável ceder a todas as formas de abandono, por mais que sua avó aludisse à intervenção daquelas forças misteriosas, em especial se o abandono levasse ao casamento com um homem como Benito Suárez.

Porque Lina o conhecia. Ela o conhecera em um sábado de Carnaval em circunstâncias bastante incomuns, embora esse adjetivo, usado por Lina deliberadamente ao contar depois à sua avó o que acontecera para não ser acusada de exagero, nem de longe nem de perto correspondesse à maneira escandalosa como Benito Suárez aparecera diante dela, irrompendo em sua vida e se instalando ali, pois a partir daquele momento, e dada sua amizade com Dora, Lina não teve a menor dúvida de que aquele homem iria cruzar seu caminho mais

de uma vez, e sempre para lhe provocar o mesmo assombro, e às vezes, a mesma raiva gélida que ela sentiu quando o viu parar seu Studebaker na esquina, e sair de dentro dele, e perseguir Dora que já havia descido com o rosto cheio de sangue e corria cegamente para a porta de entrada de sua casa. Lina demorou muito para entender o que aconteceu; enfim, ela não sabia que o simples fato de ter presenciado aquela cena a transformara ou, mais precisamente, acionara o mecanismo que irrevogavelmente iria transformá-la. Foi algo que ela intuiu depois, com o passar dos anos, quando notou que sua memória conservava cada detalhe daquele sábado de Carnaval em que viu Benito Suárez pela primeira vez: o Studebaker azul freando bruscamente na esquina de sua casa, ela olhando para ele atordoada da janela da sala de jantar, sentada em frente à mesa de mogno de doze lugares sobre a qual estavam seus cadernos, o rolo de papel-manteiga que acabara de cortar para desenhar o mapa da Colômbia com seus rios e montanhas; havia também uma borracha e um frasco de tinta nanquim, e a pilha de areia que ela planejava colar onde os cumes se abriam em vulcões: recordaria sempre a caneta-tinteiro saltando de suas mãos e manchando a superfície encerada da mesa, a corrida enlouquecida e vacilante de Dora, Benito Suárez alcançando-a no jardim e dando outra bofetada naquela cara que o sangue quase impedia de reconhecer, e então ambas, Dora e ela, correndo para a porta de entrada, Dora ainda no jardim e ela atravessando a galeria e abrindo a porta e, de repente, atingindo Benito Suárez com uma das cadeiras do corredor para impedi-lo não de entrar, pois ele já havia atravessado o vestíbulo e mostrava tamanha determinação no olhar que parecia impossível fazê-lo retroceder, mas sim detê-lo. Sim. O espanto de vê-la, a menina de treze anos que acabara de estourar uma cadeira Luís XVI em seu ombro enquanto dizia: "Soltei o cachorro e ele está vindo destruí-lo". O espanto e o golpe, talvez a dor, isso o deteve. Os segundos, lembraria Lina, em que pôde pegar na mão de Dora e arrastá-la pela galeria até a sala de jantar e lá se esconder com ela atrás do aparador onde se escondia quando criança e sua avó a perseguia carregando na mão o odioso frasco de leite de magnésia. Ofegante, inesperadamente banhado de suor, o rosto de Dora recostado sobre suas pernas e aquele sangue pegajoso que manchava seu

blue jean; dizendo a Dora baixinho: "Pare de chorar ou ele vai matar nós duas". Porque Benito Suárez queria matá-las: era o que ele gritava enquanto andava pela casa deserta chutando os móveis e chamando-a, Lina, de criatura malparida. Tinha ouvido Benito gritar quando entrou na sala de jantar e jogou seus cadernos no chão; ouvira sua respiração ofegante, aquela entonação de sua voz desprovida de qualquer qualidade humana, que era, parecia-lhe, o gemido de um animal tentando furiosamente produzir sons suscetíveis de se tornarem frases. Talvez tenha sido o tom desarticulado por força da ira que trouxe à mente de Lina a imagem do cachorro; não a lembrança dos setters que estavam latindo histericamente no quintal: o cachorro, que não tinha raça nem nome, nunca latia: mas havia em seu silêncio a mesma capacidade de ódio, o mesmo impulso assassino do homem que chutava o aparador atrás do qual ela pressionava a boca de Dora para impedi-la de gritar. Então pensou no cachorro, e não da maneira tola com que fez isso quando estourou aquela cadeira no ombro de Benito Suárez, mas friamente, com uma súbita astúcia que mais tarde a surpreenderia; ou seja, quando contou à avó como havia deslizado pela galeria assim que parou de ouvir o balbucio disparatado de insultos, e aproximou-se da árvore onde o cachorro estava amarrado, e, levando-o pela argola da coleira, procurou Benito Suárez até encontrá-lo no corredor, ao lado da cadeira caída no chão. Surpresa, ainda mais surpresa quando a avó comentou com ela: "Eu, por outro lado, imagino muito bem você trazendo aquele maldito cachorro para soltá-lo em Benito Suárez".

No entanto, muito antes do que ela chamaria de primeira escaramuça (haveria tantas outras que Lina acabaria se acostumando a reconhecer naquele homem um inimigo natural, quase inofensivo por prever suas reações e, algo inexplicável para ela, por amá-lo sem deixar de considerá-lo um inimigo), Lina começara a ter uma ideia sobre o tipo de indivíduo que Benito Suárez era. Havia seguido passo a passo suas atormentadas relações com Dora porque lhe servia como confidente desde os tempos em que entrou no colégio de La Enseñanza e Dora, talvez movida por um instinto materno precoce, decidiu tomá-la sob sua proteção: durante um ano inteiro a defendera como uma galinha choca — no ônibus escolar guardava

religiosamente seu lugar do lado de qualquer janela ou a sentava em seu colo —, e depois as coisas começaram a mudar porque enquanto Lina avançava para a primeira, segunda e terceira séries, Dora continuava repetindo a quarta, e lá elas se encontraram, ela de oito anos e Dora de onze, definitivamente invertendo a relação que até então as unia quando Lina entendeu que, se quisesse tirá-la daquele atoleiro, deveria soprar nos exames e escrever suas redações, além de explicar a divisão várias vezes e chamá-la ao telefone para verificar se ela havia feito bem o dever de casa. Mas conseguiu, enfim, conseguiu através de artimanhas e tenacidade arrastá-la até o segundo ano do colegial, ano em que seus esforços foram frustrados porque Dora foi expulsa de La Enseñanza por ter pegado um bombom que um menino havia jogado para ela do muro do colégio.

Dora parecera quieta demais para Lina: ela não brincava no recreio nem participava das travessuras que Catalina, ela e suas amigas planejavam em minúcias para provocar qualquer desordem capaz de enlouquecer as freiras e quebrar a monotonia dos cursos. Na realidade, Dora nunca interveio em nada que envolvesse ação ou movimento: fora uma criança quieta, quase vegetal, com a indolente aparência de um organismo absorvido em algo que ocorre dentro de si e sente suas células latejarem. Tomou tantas vitaminas na infância que aos nove anos ela se desenvolveu e aos catorze — quando foi expulsa do colégio por causa da história do bombom — estava totalmente formada e tinha aquele ar lânguido, aquele balanço ao caminhar que levava os meninos do Biffi a escalar o muro do colégio, coroado por um verdadeiro emaranhado de garrafas de vidro, deixando no cimento a pele dos joelhos e o suor de sua ânsia de olhá-la por um minuto no recreio. Ela não era bonita como Catalina e não tinha o refinamento de Beatriz. Não se podia falar de graça ao vê-la, nem mesmo de sedução. Não. Tinha algo mais remoto e profundo; algo que deve ter permitido que a primeira molécula se reproduzisse ou que o primeiro organismo fosse fecundado; aquilo que palpitava no fundo do mar antes que qualquer forma de vida aparecesse na terra, e latejando sorvia, sugava, criava outros seres, expulsava-os de si: a vida em estado bruto e, mais tarde, a fêmea primitiva, não necessariamente a humana, mas qualquer fêmea capaz de atrair para sua

caverna o macho rebelde e alvoroçado e por um instante acalmar sua agressividade com o propósito não só de fazê-lo realizar o ato que diante da natureza, aparentemente, o justifica, mas também para lembrá-lo de que há um prazer mais intenso e talvez mais antigo do que o de matar.

Isso Dora parecia não saber, embora pudesse muito bem suspeitar: ela sempre sentia sobre si o olhar dos homens, e já quando criança notava que era impossível para ela sair sozinha no jardim de sua casa sem provocar em qualquer mendigo ou vagabundo que atravessasse a calçada o desejo frenético de abrir a braguilha e se masturbar diante de seus olhos. Por sua vez, Lina sentia-se tentada a pensar que Dora fora marcada ao nascer, ou, como a avó se empenhava em explicar-lhe, no instante de começar a existir, pelo mesmo sinal que determinava a natureza de sua cadela Ofelia, ou melhor, o comportamento dos cães que a cercavam avidamente. Eles a cercavam, não a seguiam: Ofelia não tinha necessidade de se locomover ou fazer o menor movimento para mantê-los a seu lado, em uma expectativa desesperada. Não havia nada de especial em seu aspecto, pelo menos em aparência ela era indistinguível das outras setters que haviam nascido e crescido em sua casa, trazendo os nomes daquelas heroínas de Shakespeare cuja história sua avó lhe contara muitas vezes antes de dormir; era apenas um animal sonolento com um ondulado pelo cor de canela, que odiava o sol e passava o dia inteiro descansando nas lajotas frescas da galeria. Porém, quando ela entrava no cio, um brilho de avidez aparecia em seus olhos e de repente se erguia espevitada diante dos enfurecidos Brutus e Macbeths que, entre latidos lastimosos, solicitavam seus favores, esquecendo as outras cadelas no cio — cujos calores eram invariavelmente provocados pelos de Ofelia — e perdendo toda aquela distinção de setters trazidos da Inglaterra, com tanto pedigree, dizia sua avó, não sem orgulho, quanto pode haver na árvore genealógica de um Bourbon. Considerando a fidelidade inabalável de Ofelia, que escolhia sempre o mesmo parceiro, toda aquela energia consumida no assédio, e depois em piruetas e latidos, poderia ter sido considerada um desperdício se não fosse porque, uma vez feita a escolha, os setters se voltavam ansiosamente para as outras fêmeas e todas, mesmo aquelas que mal se sustentavam sobre

as pernas, eram objeto de sua coação e atenções. Assim, Ofélia parecia destinada por natureza a concentrar em si o incentivo, motivação ou gancho que leva os seres a se reproduzir, independentemente de sua vontade e, claro, de qualquer forma de conhecimento.

Olhando para Dora, seria possível dizer que uma ignorância semelhante a impedia de perceber o quão pouco ela tinha em comum com a maioria das mulheres. Dora achava natural saber que era desejada e teria ficado chocada se alguém tivesse se dado ao trabalho de lhe explicar que era sobretudo para vê-la que os rapazes da Biffi trepavam no muro do colégio, correndo o risco de deixar as mãos naquela barreira de vidro. Para Dora isso, como os vagabundos que abriam a braguilha assim que a viam sozinha no jardim de casa, fazia parte da ordem natural das coisas; aliás, devia corresponder ao pé da letra ao que sua mãe lhe dizia sobre a natureza masculina, corrompida por essência e destinada a mergulhar as mulheres na abjeção. Mas até os catorze anos de idade, limitada a se deslocar entre sua casa e o colégio, ela não tinha tido a oportunidade de conhecer de perto nenhum dos indivíduos decididos a atentar contra seu pudor, como tampouco, mais tarde Lina diria a si mesma, lhe havia sido possível identificar a origem daquela perturbação que a mantinha adormecida na carteira enquanto uma freira escrevia frases em um quadro-negro e a seus ouvidos chegava o enervante zumbido das abelhas. Sempre sentada junto à janela da sala de aula, distraía-se contemplando o pátio com suas árvores imóveis diante de uma faixa de céu metálico e seu olhar parecia nublar-se, extraviar-se em imagens que talvez nem fossem imagens, mas algo que vagamente significava espera e, de certa forma, confusão. Sua conduta, no entanto, não deixava nada a desejar: mantinha-se na postura correta, copiava cuidadosamente os rabiscos que a freira da vez escrevia na lousa, levantava-se em silêncio quando a campainha tocava e seguia obedientemente a fila das alunas. Obediente entrava no refeitório e comia, ia à capela e rezava: obediente e alheia. Não estava ali e pode-se até se perguntar se ela já havia estado em um lugar determinado. Parecia existir de outra maneira, dentro dela, escutando, não uma voz — só de vez em quando se tinha a impressão de que um som definido a alcançava —, mas um murmúrio talvez anterior à linguagem humana, no qual

cada novo ruído era uma extensão do anterior, e à passagem de um avião no céu seguia-se um súbito sopro de brisa entre as árvores, uma rajada de chuva ou apenas algo mais inaudível, mais impreciso, como o farfalhar de uma vagem estourando no calor ou a queda de uma folha que o sol partia.

Sua avó explicava à Lina como Dora poderia ter continuado assim, não revelada, não descoberta, naquele limbo de sensações que provavelmente nenhuma palavra conhecida por ela poderia definir, até que dona Eulalia tivesse conseguido casá-la, ou seja, realizar a cerimônia através da qual ela daria a um homem sua filha e seu terror, como uma granada destapada que com alívio se faz saltar para outras mãos, se as freiras tivessem sido menos estúpidas e se a própria dona Eulalia, angustiada com a presença daquela criatura nebulosa e quieta, muito quieta e nebulosa o suficiente para imaginar que sua castidade poderia ser guardada por muito tempo, apesar de sua vigilância, não tivesse tomado a decisão de fazê-la trabalhar em um *Kindergarten* dirigido por uma parenta sua, talvez repetindo a si mesma, em meio à sua hesitação consternada, que finalmente o ócio é a mãe de todos os vícios. E não era estranho que pensasse assim, porque dona Eulalia pertencia a uma família na qual ninguém trabalhava havia quinhentos anos, desde que se entenda por trabalho usar as mãos para semear, recolher ou manusear qualquer instrumento destinado a transformar uma coisa em outra para ganhar a vida. Ela e todos os seus antepassados acreditavam fazer parte de uma categoria especial de pessoas que, por direito próprio e mandato divino, estavam encarregadas de fazer reinar a ordem, com seu exemplo em tempos de paz, e à força de espadas e canhões, se houvesse distúrbios. Tinham muito presente na memória que haviam vindo da Espanha não como aventureiros, nem mesmo como guerreiros: já na época da Conquista haviam utilizado tanto as armas que gozavam de certos privilégios na Corte, e puderam chegar ou enviar desdenhosamente seus filhos mais novos e bastardos para administrar as caóticas províncias ultramarinas. Sim, foi como inquisidores e ouvidores que desembarcaram nas cidades mais importantes da Costa, e seus filhos adquiriram ou se arrogaram terras cultivadas por escravos, e seus netos, durante os dias funestos da Independência, tiveram de fugir

para Curaçao e lá permanecer até que a presença de melhores ventos lhes permitisse voltar a ocupar suas plantações devastadas depois de terem mudado ou alterado cautelosamente seu sobrenome. Mas mesmo naquela época não trabalharam. Não por falta de força: embora esguios e dados à meditação, quase ao misticismo, conservavam a capacidade de se fazer obedecer pelos homens e, ao longo de duas ou três gerações, conseguiram preservar intacto seu patrimônio. O problema era que o mundo estava se transformando e eles não conseguiam se adaptar a nada que significasse evolução ou mudança, a qualquer situação em que se alterassem os valores que durante muito tempo lhes serviam como ponto de referência, de espelho, onde encontravam e recompunham sua identidade. Um desses valores os afastava instintivamente do trabalho, sempre aviltante, mas que naquelas implacáveis terras de sol, chuvas e vermes parecia diminuir os homens até consumir neles toda forma de inteligência e dignidade. E para não trair seus princípios, cederam: pouco a pouco, de pais a filhos, foram se preparando para se declarar vencidos sem travar uma batalha. Quando as mudanças na economia do país os puseram diante da necessidade de competir com comerciantes, políticos e contrabandistas, eles silenciosamente apresentaram sua renúncia; silenciosamente e com orgulho, ou seja, sem aparentemente sentir pesar por suas casas abandonadas ou pelas plantações que iam vendendo lote por lote. Ficavam com a lembrança, não com a nostalgia, e a lembrança parecia suficiente para fazê-los andar eretos, enquanto aquele mundo que só eles viam desaparecia na poeira, desabava a seus pés: eram senhores. Pelo menos era nisso que dona Eulalia del Valle acreditava e era assim que Lina a ouvira repetir mais de mil vezes. Daí a impossibilidade de imaginá-la fazer sua filha trabalhar em um *Kindergarten* para ter alguns pesos a mais, mesmo que ela praticamente bordejasse a miséria, porque dona Eulalia, por princípio e tradição, considerava a miséria preferível a qualquer forma de trabalho.

Sua decisão devia estar sido associada à personalidade de Dora, aquela filha de sangue duvidoso contaminada por séculos de libertinagem, por luxúrias remotas de danças e tambores e cheiros fortes, que a negava — sua figura pálida, ascética, borrada — e na qual, no entanto, ela se projetara assim que a viu completar nove anos e

começar a florescer, a abrir-se como uma planta capaz de resistir à violência de qualquer intempérie, porque tem raízes cravadas nas profundezas da terra. No início, ela tentou com horror sufocar, conter ou destruir aquela coisa inaudita que Dora exalava por cada poro de sua pele; quando não conseguiu — porque apesar das cintas e ataduras os seios de sua filha se empinavam e seus quadris se arredondavam e a cabeleira que crescia aos borbotões rompia as fitas de tranças e rabos de cavalo —, ela tentou fascinada torná-la sua: como uma trepadeira, subiu em seu corpo e quis respirar com seus pulmões, olhar através de seus olhos, bater ao ritmo de seu coração: esquadrinhou seu cérebro com a mesma obstinação enervada com que vasculhava as gavetas de seu *boudoir* e lia as páginas de seus livros e cadernos: ela a obrigava a pensar em voz alta, a contar-lhe seus segredos, a revelar-lhe seus desejos: acabou por possuí-la antes de qualquer homem, abrindo a cada homem o caminho de sua posse.

Sim, o Studebaker azul de Benito Suárez ainda não tinha aparecido e Lina já percebera em dona Eulalia o desejo de monopolizar sua filha, um desejo tão violento que seu rosto se decompunha à menor suspeita de engano ou dissimulação: Dora era proibida de brincar fora dos limites do jardim de sua casa — enquadrados por um muro de pedras de dois metros de altura por dois metros de largura ao longo do qual cresciam aglomerados de folhas espinhosas e pontiagudas —, e a mera presença dos primos e amigos de Lina imediatamente fazia surgir, como o gênio da lâmpada de Aladim, uma dona Eulalia de expressão alerta e pupilas dilatadas que, sem cerimônia e violando as mais elementares regras de hospitalidade, ordenava que Dora entrasse em casa e se sentasse durante horas em uma cadeira, como castigo. Lina sabia disso, mas o que pela primeira vez a fez refletir sobre as intenções de dona Eulalia foi descobrir, em um dia 24 de dezembro, que Dora havia recebido uma bicicleta na qual podia andar desde que não saísse dos cinquenta metros que constituíam a calçada de sua casa; limitar-se àqueles cinquenta metros diminuía o prazer oferecido pela bicicleta: não era possível competir nas corridas pelo primeiro lugar, nem descer as ladeiras a toda a velocidade, nem vencer dia a dia o cansaço dos músculos e sentir como recompensa o suor, os cabelos em desordem, a brisa no rosto.

Aquele presente e a restrição imposta ao seu uso, Lina ouviria a avó explicar uma tarde, simbolizava a contradição na qual dona Eulalia se debatia, determinada, por um lado, a fazer de Dora uma menina parecida com as outras, e, por outro, a impedi-la de sê-lo, tolamente, porque embora naquela sociedade de loucos fosse dado como certo que nenhuma menina de boa família cometeria a imprudência de perder a membrana cuja preservação lhe permitiria contrair um matrimônio conveniente, e se entendesse que a supervisão dos pais tendia a preservar a membrana em questão, ninguém imaginava que andar de bicicleta pelas ruas do Prado constituía um perigo para a donzelice de sua filha, pois, se assim fosse, ninguém teria pensado na tolice de lhe dar uma bicicleta.

Foi assim que, a partir daquele Natal, Lina começou a observar dona Eulalia del Valle com curiosidade, estabelecendo uma relação mais ou menos confusa entre sua presença no pórtico — de onde seus olhos angustiados podiam controlar os cinquenta metros de calçada — e seu modo de se introduzir na mente de Dora, violando constantemente sua intimidade. Lina ouvira com assombro aqueles diálogos que se passavam diante dela quando, na volta do Country ou de uma festa, dona Eulalia interrogava Dora, tirando dela não só o que tinha visto, mas também o que tinha pensado ou sentido no momento de vê-lo. Havia algo de inquisitório em sua atitude; e algo de impudico e faminto em suas perguntas insistentes que iam encurralando Dora, indo e vindo ao mesmo ponto como circula no céu uma ave de rapina. Diante da penetração da mãe, Dora adotava uma tática semelhante àquela que no colégio lhe permitia fugir da dominação das freiras: não discutia nada, não protestava contra nada; sua resistência, Lina entenderia mais tarde, tinha de ser buscada no escandaloso silêncio de sua submissão. Como se soubesse, como se de repente adivinhasse que nem mesmo encerrando sua filha entre os muros de sua casa, nem mesmo deixando-a possuir um único pensamento, um único desejo que fosse realmente seu, seria capaz de dominá-la completamente, já que sempre haveria uma parte de Dora que biologicamente escaparia dela, dona Eulalia tentou enfrentar o demônio escondido naquela submissão utilizando o único instrumento ao seu alcance: a palavra. Um procedimento mais tarde

descrito por Lina como uma lavagem cerebral obsessiva e demente, que a deixou perplexa, apesar de saber que existia e constituía um dos piores fardos da humanidade, como sua avó lhe explicara assim que ela começou a ir à escola. A avó tinha lhe dito tudo o que as freiras iam lhe contar, aconselhando-a a prestar tanta atenção aos seus delírios quanto ao ulular das corujas: haveria mortos e ressuscitados, inferno e purgatório, lamentos e o barulho das correntes arrastadas pelas almas penadas. E em nada disso, ela, Lina, deveria acreditar. Porque isso se chamava doutrinação, e em toda doutrina havia mais mentira do que verdade.

Assim, o que desconcertou Lina ao ouvir o discurso de dona Eulalia del Valle não foi tanto seu estilo de sermão, mas o objetivo da pregação em si. Pois alguma coisa dona Eulalia devia buscar quando todos os dias ela fazia Dora sentar-se à sua frente e falava com ela sobre os homens em termos chulos, comparando seu esperma a excrementos e seu sexo ao falo imundo dos burros que naquela época ainda eram vistos pelas ruas do Prado; sem falar na baba da lascívia, o fétido hálito das bocas, as supostas ventosidades da incontinência sexual. Havia um caráter tão escatológico no que ela dizia como também perversão no que ela mantinha em silêncio ou deixava insinuar, que nunca, nem mesmo passando em frente às vitrines da Rua Pigalle, nem mesmo olhando os filmes de cinema erótico que anos depois lhe seria permitido ver, Lina conseguiria encontrar tamanha depravação. Pensando nisso, chegaria a se dizer mesmo que, para atingir as alturas ainda não descobertas da obscenidade, os inefáveis diretores suecos e holandeses fariam melhor em recorrer aos fantasmas das mais virtuosas mulheres latino-americanas. Mas isso seria mais tarde.

Quando Lina ouviu pela primeira vez o incrível monólogo de dona Eulalia, devia ter cerca de dez anos no máximo; muitas vezes a observara conversando com a filha, mas ficava em silêncio assim que ela chegava a casa. Naquela tarde, juntou-se à sua curiosidade a sorte de encontrar a porta de serviço aberta, e Lina conseguiu entrar no pátio sem que ninguém percebesse sua presença e, andando na ponta dos pés, aproximar-se do final do terraço onde dona Eulalia costumava encurralar Dora: ali estava enunciando com uma espécie de júbilo raivoso as artimanhas que as mulheres honestas usavam

para escapar da tentação e que variavam desde imaginar o homem desejado fazendo suas necessidades na privada até colocar uma bolinha de cânfora perto do púbis. Como Lina desconhecia muitas das palavras que ouvia, foi obrigada a copiá-las em seu caderno de rascunhos, mas nem depois, quando voltou para casa e consultou um dicionário, conseguiu entender por que Dora se via empurrada para tal discurso. A avó explicou que dona Eulalia perseguia com ciência e paciência o objetivo que ela, Lina, buscara na ignorância quando afugentava os galos no quintal ao encontrá-los sobre as galinhas, acreditando que só por agressividade bicavam o pescoço delas, até o dia em que Berenice, a cozinheira, gritou para ela parar com aquelas tontices porque nada poderia dar mais contentamento às galinhas. Envergonhada da comparação e ciente de que, apesar de suas tolices, os galos não haviam mudado de comportamento, Lina simplesmente comentou: "Enfim, isso nunca serviu para nada", ao que sua avó respondeu sorrindo: "Na minha opinião, o que você ouviu hoje também não vai servir para nada".

Foi assim que Lina suspeitou muito cedo, mas sem entender claramente todas as implicações do assunto, que uma ameaça pairava sobre aquilo que o acaso havia concentrado em Dora colocando-a em desvantagem, embora em princípio e seguindo a lógica oculta das afirmações de sua avó, pudesse ter sido seu bem, sua propriedade, o centro de seu equilíbrio, contribuindo para a sua felicidade e, de passagem, para a do homem ou homens que atravessaram sua vida, se tivesse nascido em outro espaço e tempo, mas sobretudo se tivesse tido como mãe uma mulher diferente de dona Eulalia del Valle. No entanto, nem mesmo dona Eulalia del Valle poderia ser considerada a única responsável por Dora reconhecer sua sexualidade como uma falha tão abominável que justificasse e até merecesse as chicotadas recebidas de Benito Suárez no dia em que fez amor com ele pela primeira vez no banco de trás de seu Studebaker azul, em frente ao solar onde a gigantesca estátua do Sagrado Coração seria construída pouco depois, destinada a vigiar a cidade do ponto mais alto de sua única colina.

Aceitando o fatalismo implacável de sua avó, teria sido necessário reconhecer que a origem daquela submissão de Dora diante do cinto que a açoitava nas costas quando, ainda nua, sentia correr entre suas

pernas o esperma ácido de Benito Suárez não poderia logicamente ser atribuída apenas à influência de dona Eulalia del Valle, pois isso seria tão insuficiente quanto afirmar que chove porque o céu está nublado. Era preciso lembrar a maldição bíblica e ir muito além, até o dia, entre todos o mais fatídico, em que aquele que seria o pai de dona Eulalia, um sujeito de Santa Marta de ar esquivo, com o olhar de luto do homem que, se não se trancou em um convento, nasceu ou foi formado para se trancar nele, apareceu na cidade e, levantando a areia das ruas sob os cascos de seu cavalo, se dirigiu para a casa dos Álvarez de la Vega, onde a primeira coisa que viu quando desceu foi uma menina de cabelos loiros brincando no quintal com sua boneca. Pois esse encontro, o do homem que de tanto flagelar-se e jejuar perdera a força da virilha aos trinta anos e o da menina recém-formada, mas ainda adormecida na névoa das histórias infantis, foi, não a principal causa — já que esta remonta ao tempo em que os homens descobriam que explorar uma mulher era o primeiro passo a ser dado para explorar uns aos outros —, mas a causa mais próxima de cuja existência sua avó poderia dar conta: a menina de doze anos, cedida ao homem que a pediu em casamento na mesma tarde de seu encontro e que, espantada, como em uma extensão de suas brincadeiras de infância, se veria vestida de branco seis meses depois, deixando a igreja de San Nicolás de braços dados com um estranho com quem ela seguramente nunca tinha falado. Um homem cujo tio-avô fora inquisidor-geral de Cartagena, descendente por parte de mãe de um grande da Espanha e herdeiro de um título menos pomposo, mas ainda assim título, que naquela mesma noite violaria a regra tacitamente admitida pelos seus, segundo a qual devia esperar três anos antes de fazer valer seus direitos conjugais perante a menina, e, desarmado diante do desejo inexplicável e diabólico que pela primeira e última vez conseguiria endurecer a flacidez de suas coxas, destroçou o sexo da moça a ponto de provocar-lhe uma hemorragia e encontrar-se na necessidade de aceitar os ofícios do primeiro curandeiro encontrado por sua criada àquela hora da noite, um pobre veterinário que remendou a ferida sem anestésico enquanto o espanto da menina, transformado já em horror e expressado em gritos que se ouviam em todas as casas e cujo eco foi captado como um insulto

pelas quinze famílias que então formavam a aristocracia da Costa, destruía para sempre sua honra, justificando de passagem sua ruína.

Não imediatamente, mais tarde. O dote dado pela família Álvarez de la Vega e sua própria fortuna conseguiram mantê-lo à tona por vários anos, quinze exatamente: o tempo de consumir aquele patrimônio sentado o dia todo diante das laranjeiras de seu pátio, impondo um silêncio de túmulo ao seu redor, olhando para as mesmas árvores até que, de tanto contemplar o imóvel foi, pouco a pouco, deixando de percebê-lo: em suas pupilas, os troncos estavam borrados, os galhos desapareceram de sua retina, as folhas se fundiram na névoa e, certa manhã, ele finalmente entendeu que havia ficado cego.

Porque ele não queria ver, a avó explicava para Lina. Não sua ignomínia: isso ele acreditou que pagara durante anos, se isolando e consumindo sua fortuna sem levantar um dedo, embora na realidade, ignomínia ou não, ele nunca tivesse movido um dedo para conservá-la. Mas houve a filha gerada na noite em que pisoteou, traiu e estourou os preceitos em cujo nome se flagelara desde a adolescência, sem qualquer explicação ou justificativa para si mesmo, já que, entre o momento em que viu a menina brincando com sua boneca e a manhã em que saiu com ela de braços dados da igreja de São Nicolau, durante todo esse tempo, sim, ele havia pensado que seu único interesse consistia em casar-se com a herdeira dos Álvarez de la Vega e assegurar sua virgindade enquanto esperava a passagem daqueles três anos ao fim dos quais, e de acordo com o costume, ele poderia engravidá-la na certeza de que o filho seria seu. Assim, a explicação para sua cegueira teve de ser buscada em outro lugar, em algo provavelmente associado à nova figura de cabelos dourados que de repente começara a circular entre as laranjeiras exalando o cheiro perturbador das meninas de quinze anos. Ao permitir que seus olhos ficassem turvos, concluiu sua avó, ele matou dois pássaros com uma cajadada só, a visão de sua filha, presumivelmente fonte de tentação e lembrança inevitável de sua desonra, e a dor de vê-la se encaminhar por lei natural para os abismos dos quais ele havia tentado escapar à força de flagelo, retardando aquela marcha inevitável porque deste modo sua filha, dona Eulalia del Valle, seria obrigada a servir-lhe de guia.

Um desatino que a avó de Lina atribuía ao fato de ter passado quinze anos a olhar para as laranjeiras de seu quintal: só um homem doente do medo inspirado por seu próprio corpo poderia imaginar dona Eulalia destinada a qualquer forma de concupiscência, nem mesmo a que teoricamente era muito provável que surgisse entre os lençóis de uma cama conjugal. Dona Eulalia fora educada pela mãe, aquela menina que na noite de núpcias foi estuprada pelo marido, remendada por um veterinário e emprenhada de uma criança que, nove meses depois, arrastaria ao sair do ventre seu útero e os ovários, tornando-a uma mulher que, sem transição, foi da infância ao ocaso. Durante os três anos que passou na cama saltando de uma doença para outra, oscilando entre ondas repentinas de calor e tremores de delírio, a mãe de dona Eulalia del Valle aprendeu a odiar os homens. Friamente. Lucidamente. E com a mesma lucidez e frieza comunicou esse ódio à filha.